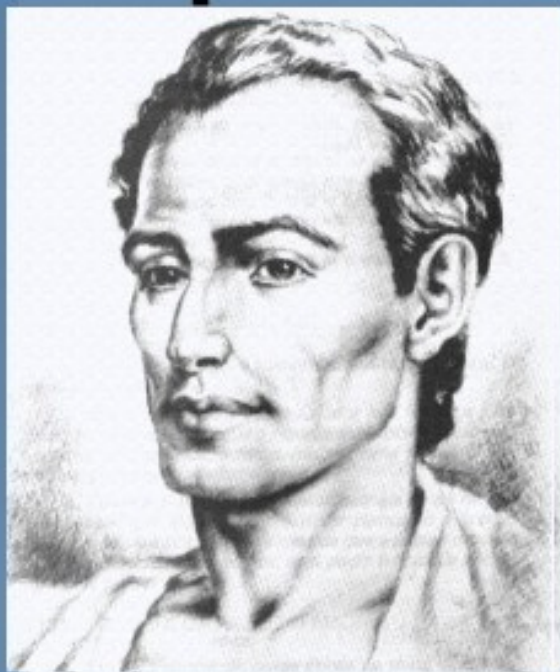


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO XXIII – Sofrimento e eutanásia

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXIII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXIII)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo XXIII – Sofrimento e eutanásia	O Consolador	04
Complementos		
Observações sobre a eutanásia	O Consolador	06
Suicídio. Fuja dessa ideia	O Consolador	09
A fé que move as montanhas que somos	O Consolador	11

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXIII)

Sufrimento e eutanásia

Reunião pública 03/04/1959

Questão 944

Quando te encontres diante de alguém que a morte parece nimbar (1) de sombra, recorda que a vida prossegue, além da grande renovação.

Não te creias autorizado a desferir o golpe supremo naqueles que a agonia emudece, a pretexto de consolação e de amor, porque, muita vez, por trás dos olhos baços e das mãos desfalecentes que parecem deitar o último adeus, apenas repontam avisos e advertências para que o erro seja sustado ou para que a senda se reajuste amanhã.

Ante o catre da enfermidade mais insidiosa e mais dura, brilha o socorro da Infinita Bondade facilitando, a quem deve a conquista da quitação. Por isso mesmo, nas próprias moléstias reconhecidamente obscuras para a diagnose terrestre, fulgem lições cujo termo é preciso esperar, a fim de que o homem lhes não perca a essência divina.

E tal acontece, porque o corpo carnal, ainda mesmo o mais mutilado e disforme, em todas as circunstâncias, é o sublime instrumento em que a alma é chamada a acender a flama de evolução.

É por esse motivo que no mundo encontramos, a cada passo, trajes físicos em figurino moral diverso.

Corpos — santuários.

Corpos — oficinas.

Corpos — bênçãos.

Corpos — esconderijos.

Corpos — flagelos.

Corpos — ambulâncias.

Corpos — cárceres.

Corpos — expiações.

Em todos eles, contudo, palpita a concessão do Senhor, induzindo-nos ao pagamento de velhas dívidas que a Eterna Justiça ainda não apagou.

Não desrespeites, assim, quem se imobiliza na cruz horizontal da doença prolongada e difícil, administrando-lhe o veneno da morte suave, porquanto, provavelmente, conhecerás também mais tarde o proveitoso decúbito indispensável à grande meditação.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXIII)

E usando bondade para os que atravessam semelhantes experiências, para que te não falte à bondade alheia no dia de tua experiência maior, lembra-te de que, valorizando a existência na Terra, o próprio Cristo arrancou Lázaro às trevas do sepulcro, para que o amigo dileto conseguisse dispor de mais tempo para completar o tempo necessário à própria sublimação.

(1) Nimbar: Exaltar

(2) Catre: Cama dobrável e portátil

(3) Fulgem: Realçam, brilham, iluminam

(4) Decúbito: Posição que está deitado

(5) Dileto: Preferido

(6) Sublimação: Purificação

Observações sobre a eutanásia

A perspectiva de enfrentar uma morte dolorosa representa algo extremamente assustador para a maior parte das pessoas.

Na verdade, simplesmente lidar com a ideia da morte já constitui um desafio considerável para muitos, o que dirá, então, sob tais circunstâncias? Todavia, todos nós haveremos de passar por esse momento cedo ou tarde.

Faz parte da nossa condição evolutiva e não há outro jeito a não ser nos prepararmos. Afinal, a máquina orgânica tem os seus limites e, como tal, abrigará os nossos Espíritos pelo tempo necessário à conclusão dos nossos compromissos com a espiritualidade, desde que não antecipemos o processo por meios ilegítimos.

Infelizmente, longe ainda estamos de tratar desse tema no mundo com a devida clareza e seriedade.

Padecemos da falta de entendimento – não por falta de material a respeito, cabe ressaltar – acerca da eternidade, do imperativo da evolução espiritual, das leis universais, enfim. Por isso, enfrentar a dor reparadora é algo absolutamente inaceitável em certos contextos, assim como para um número expressivo de pensadores da condição humana.

Mas precisamos refletir seriamente sobre as implicações daí advindas, de modo a adquirir uma compreensão precisa em relação ao assunto.

Na estreita lógica atual, na qual a *eutanásia* tem tido papel preponderante, o que importa é simplesmente “diminuir o sofrimento” e “abreviar a dor” por meio da “morte com dignidade”, sem falar no “testamento vital”. Como essa concepção simplesmente despreza a realidade do Espírito, as soluções por ela preconizadas são imediatistas e superficiais. Afinal de contas, os propositores dessa corrente não conseguem divisar a variável concernente à imortalidade da alma e, por isso, a sua terapêutica é perniciosa para as reais necessidades do Espírito encarnado.

Ao incentivar os desenganados pela medicina tradicional para que optem por esse caminho tempestuoso, estão desconsiderando potenciais avanços nessa área que podem ocorrer a qualquer momento, a própria capacidade de resistência (desconhecida) do corpo do paciente, os recursos da fé, da misericórdia divina (quase sempre esquecidos) e a necessidade espiritual do paciente. Em outras palavras, a medicina tradicional “vende” tal terapia como a alternativa menos dolorosa, quando poderia alterar radicalmente o seu enfoque e esclarecer o paciente que, ao aceitar a doença e os tratamentos pertinentes, obterá uma grande conquista espiritual – libertadora de males mais profundos que os que se observam no seu fragilizado veículo físico.

Infelizmente, a medicina humana – por não ser holística, e limitada em seu escopo – está muito longe de integrar essa abrangente proposição.

Por outro lado, cumpre recordar que a espiritualidade maior tem sido altamente generosa na elucidação do assunto. Mensagens pródigas em conhecimento e esclarecimento têm sido dadas à humanidade desde a fundação do Espiritismo – abençoado recurso divino concedido à humanidade. Por exemplo, a questão nº 106 da obra

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXIII)

O *Consolador*, do Espírito Emmanuel (psicografia de Francisco Cândido Xavier) é, nesse particular, muito contundente:

“A eutanásia é um bem, nos casos de moléstia incurável”?; O homem não tem o direito de praticar a eutanásia, em caso algum, ainda que a mesma seja a demonstração aparente de medida benfazeja.

A agonia prolongada pode ter finalidade preciosa para a alma e a moléstia incurável pode ser um bem como a única válvula de escoamento das imperfeições do Espírito da vida imortal. “Além do mais, os desígnios divinos são insondáveis e a ciência precária dos homens não pode decidir nos problemas transcendentais das necessidades do Espírito”.

Reforçando esse entendimento, a questão nº 953 formulada por Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos* também esclarece:

953. Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpado se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte? “É sempre culpado aquele que não aguarda o termo que Deus lhe marcou para a existência. E quem poderá estar certo de que, mau grado às aparências, esse termo tenha chegado; de que um socorro inesperado não venha no último momento?”

a) — Concede-se que, nas circunstâncias ordinárias, o suicídio seja condenável; mas, estamos figurando o caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é encurtada de alguns instantes.

“É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.”

b) — Quais, nesse caso, as consequências de tal ato? “Uma expiação proporcionada, como sempre, à gravidade da falta, de acordo com as circunstâncias.”

Note que os maiorais da espiritualidade não deixam qualquer réstia de dúvida a respeito de como devemos proceder em tal situação. É evidente que para uma pessoa desenganada a opção de abrir mão dos recursos menos dolorosos e teoricamente convenientes pode sinalizar – pelo menos para os que não enxergam as questões transcendentais aí implícitas – um comportamento tipicamente masoquista. Em contraste, Emmanuel pondera, na obra *Escrínio de Luz* (psicografia de Francisco Cândido Xavier), que “Dores, aflições, provas e desencantos representam o material educativo do templo em que nos asilamos, à procura de fortaleza moral e de créditos imprescindíveis à continuidade de nossa viagem para Deus”.

O prezado benfeitor espiritual recomenda ainda que caminhemos adiante e regozijemo-nos com o sofrimento que nos proporciona o ensejo para o devido ajustamento de contas perante Deus. De nossa parte, se o companheiro (a) que lê o modesto artigo enfrenta ou tem alguém do seu círculo que esteja enfrentando tais agruras, bem como se vê diante do dilema aqui discutido, receba a nossa sincera solidariedade e vibração de força e esperança para a hora que passa sob as bênçãos do Senhor.

Nesse sentido, recorro uma vez mais ao Espírito Emmanuel, que observa com extrema acuidade, no livro *Religião dos Espíritos* (psicografia de Francisco Cândido Xavier), que “Ante o catre da enfermidade mais insidiosa e mais dura, brilha o socorro da Infinita Bondade facilitando, a quem deve a conquista da quitação. Por isso mesmo, nas próprias

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXIII)

moléstias reconhecidamente obscuras para a diagnose terrestre, fulgem lições cujo termo é preciso esperar, a fim de que o homem lhes não perca a essência divina”.

Capitular na hora do testemunho adiará o referido ajuste que poderá, assim, acontecer no futuro sob condições ainda mais penosas. Desse modo, a visão espírita, aqui rapidamente comentada, demanda – reconheço cabalmente – uma enorme coragem moral raramente observável nos dias atuais. Em contrapartida, a recompensa também é significativa.

Anselmo Ferreira Vasconcelos, Observações sobre a eutanásia.

– O Consolador – Nº 562 – 08/04/2018

Suicídio. Fuja dessa ideia

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) uma pessoa tira sua própria vida de 40 a 40 segundos. Esse dado infeliz significa, por ano, uma média de 815 mil casos de suicídio. Entre os principais motivos estão o desemprego, a solidão, os desajustes sociais e afetivos, os distúrbios sexuais e a miséria socioeconômica.

A literatura espírita proporciona enorme campo para estudos e pesquisas neste assunto. André Luiz, na obra *Entre a Terra e o Céu*, psicografada por Francisco Cândido Xavier (FEB) relata-nos o caso de um suicida que se afogara nas águas do Rio Paraguai. Após ter sobrevivido a uma intoxicação de grande quantidade de soda cáustica, perdeu a voz em razão das úlceras que se abriram na sua fenda gótica. Mesmo assim, a ideia de tirar a própria vida o perseguia. Ele concretizou a ideia se matando no rio.

Na vida espiritual esse Espírito sofreu muito. Carregou consigo as moléstias que ele mesmo infligira à sua própria garganta. Padecia com ferimentos pesados de asfixia até reencarnar no Rio de Janeiro. Criança morreu afogado no mar. Socorrido no Lar da Bênção (colônia educativa do Plano Espiritual, misto de escola de mães e domicílio dos pequenos que regressam da esfera carnal), andava sempre aos gritos, sob pesadelos inquietantes, sem perspectivas de melhoras antes da nova encarnação. Veio, novamente, à carne. Mirrado, enfermo e com uma extensa ferida na glote, que dificultava sua função. Somente a partir da encarnação seguinte conquistou condições de equilíbrio.

No livro *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, há o relato de François Victor Louvet (Espírito), que se atirou do alto de uma torre aos 67 anos. E seis anos após sua morte, ainda se via cair despedaçando-se nas pedras! Sua angústia aumentava por não saber quanto tempo duraria semelhante estado.

Materialismo é causa de suicídio – Considerando apenas os casos em que o suicídio ocorre de maneira consciente, a ideia de tirar a própria vida se dá por um descontentamento. Ela pode ser causada por ciúmes, perda de bens terrenos, desonra e outros motivos. Só se chega a tal desespero quando não há esperança de superar os sofrimentos. Aquele que nada espera de seu futuro, julga que com o fim da vida tudo termina. A hipótese do suicídio lhe parece uma solução natural, até mesmo, lógica. Ou seja, as ideias materialistas são as maiores incentivadoras do suicídio.

As doutrinas materialistas atormentam o raciocínio daqueles que já sofrem com a desesperança. Os cientistas dizem que o pensamento é fruto do cérebro e se extingue com a morte do corpo. Nada se tem a esperar depois da vida. Alguns médicos lutam para fazer a eutanásia, considerando a morte melhor que uma vida com padecimentos. Quais são os sofrimentos maiores, os físicos ou os morais? Que esperança esses médicos estão oferecendo ao homem? Se não bastasse, os filósofos modernos pregam o niilismo (vimos do nada e o nada é o nosso destino). Com o indivíduo sem esperança, pode-se encontrar motivo para continuar vivendo? Enganado, concluirá que abraçar o nada mais rapidamente fará com que sofra menos tempo. “A propagação das doutrinas materialistas é, pois, o veneno que inocula a ideia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se constituem apóstolos de semelhantes doutrinas assumem tremenda responsabilidade”, lê-se n’ *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo V, Bem-aventurados os aflitos, item 16.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXIII)

A coragem moral – As crenças no prolongamento da vida após a morte e na pluralidade das existências oferecem paciência e resignação para se afastar a ideia de suicídio. Segundo Allan Kardec, a coragem moral é a chave para resolver a questão. O Espiritismo transforma a compreensão da vida, tornando a dúvida impossível. O suicídio perde, então, qualquer base racional. Afinal, ele apenas transforma um mal em outro maior. Os que pregam as doutrinas do nada são responsáveis por todo desalento que semeiam.

Poderiam os bons Espíritos impedir que um homem caia no suicídio, evitando assim essa tragédia? Não é assim que funciona a justiça divina. Impedi-lo seria atentar contra seu livre-arbítrio. A vida é uma verdadeira escola, na qual, para elevar-se, o homem precisa transpor as dificuldades pelo seu esforço. As provas devem ser superadas pelo conhecimento das coisas. Somente na adversidade se adquire um coração elevado e uma compreensão melhor da grandeza divina.

Os suicidas enfrentarão suas tendências autodestrutivas por quantas encarnações forem necessárias, até adquirirem a compreensão do valor da vida. O entendimento das leis divinas interrompe esse ciclo. Todas as existências de um indivíduo são solidárias entre si. Não há pressa. Só se alcança sabedoria com esforço e vontade.

Estudos de Allan Kardec – Allan Kardec estudou diversos casos de suicídio. Na Revista Espírita de 1862 acompanhou a história de uma criança de 12 anos que se suicidou por amor. “No caso há um difícil problema de moral, quiçá impossível de resolver pelos argumentos da filosofia ordinária e, ainda menos, pela filosofia materialista. Pensam que tudo está explicado dizendo que é uma criança precoce. Mas isso nada explica; é absolutamente como se dissesse que é dia porque o sol saiu. De onde tal precocidade? Por que certas crianças ultrapassam a idade normal para o desenvolvimento das paixões e da inteligência? Eis uma das dificuldades contra as quais esbarram todas as filosofias, porque suas soluções deixam sempre uma questão não resolvida e a gente sempre pode indagar o porquê do por que. Admita-se a existência da Alma e o desenvolvimento anterior e tudo se explica da maneira mais natural. Com esse princípio a gente remonta à causa e à fonte de tudo”, diz o Codificador. Sabendo ser de ensino útil, Kardec realizou a evocação do menino suicida. A sessão foi feita na Sociedade Espírita de Paris, em 24 de janeiro de 1862, pela médium E. Véry.

Curiosidade – Uma estatística curiosa revela que o maior índice de suicídio acontece nos países ateus. Principalmente na China, Rússia, Cuba, Lituânia, Letônia e Estônia. Os números mais baixos ocorrem em países islâmicos, depois em hinduístas, seguidos de cristãos e budistas.

Altamirando Carneiro, Suicídio. Fuja dessa ideia – O Consolador – Nº 418 – 14/06/2015

A fé que move montanhas que somos

Sinto que devo começar por dizer que tenho um gosto muito especial pelas parábolas evangélicas.

Uma das razões é a simplicidade tão sábia com que o Grande Mestre as apresentou e usou para difundir verdades profundas. Demonstram a visão própria daquele cujos ensinamentos visavam muito mais longe, outros tempos, outros povos e outras eras em que as Suas palavras deveriam ser entendidas com maior discernimento, mas que conhecia as gentes da Sua época, com as suas peculiaridades, fragilidades e limitações, e que também desejava por eles ser entendido.

Outra razão é a forte ligação a terra, à natureza, que tanto admiro e respeito, e de onde, sem sombra de dúvida, podemos se estiver suficientemente atenta, colher lições sublimes. Jesus sabia disso. Tinha a sabedoria imensa de pegar nas coisas mais simples e quotidianas e transformá-las em mensagens de um alcance tal que, ainda hoje, não temos a capacidade de entendê-las em toda a sua plenitude.

Muito esquecidos andamos dessa simplicidade do Evangelho. Ou, se assim quisermos dizer, da simplicidade da Natureza, da qual deveríamos colher as maiores bênçãos. Na ânsia de avançarmos a todo o vapor na senda da intelectualidade, da ciência, da tecnologia, de vencermos todo e qualquer obstáculo que nos afaste do que pensamos ser o objetivo da existência, ou seja, o prazer.

Deixamos de visar ao crescimento espiritual, moral e ético. Esquecemos tudo o que aqui nos trouxe: as decisões tomadas na Espiritualidade, os compromissos, os ensejos de libertação da matéria, do egoísmo, do orgulho, dos defeitos e imperfeições. Corremos atrás da felicidade, mas esquecemos de que ela será sempre proporcional a um aperfeiçoamento de nós mesmos que, lamentavelmente, estamos a descurar.

É a grande montanha que temos de vencer. É uma montanha dura, agreste, muito difícil de escalar. Foi erguida por nós próprios, ao longo de séculos, milênios até, de dolorosos equívocos, em que colocamos todo o nosso querer em coisas e situações que só nos acarretaram dor e sofrimento, pelo afastamento das Leis Eternas criadas pelo Pai para nossa felicidade.

Somos nós mesmos essa montanha a ser vencida. Vale a pena? Certamente. Quando, enfim, chegarmos ao cume, contemplaremos toda a grandeza do Bem, da Harmonia, da Paz interior que leva à exterior abrangente e universal, do Belo, do Equilíbrio... O que ficou para trás, imperfeições, erros, sensações egoístas, baixas e mesquinhas, tudo nos parecerá tão pobre, tão pequeno, tão insignificante, que nos custará a entender e aceitar que houve tempos em que, equivocadamente, estivemos agrilhoados a tais interesses e anseios.

Por enquanto... é, mais do que tudo, necessário dar início à grande viagem pelo nosso íntimo, com decisão e frontalidade, buscando em nós tudo o que nos entrava, sem nos apegarmos aos erros passados, mas fortemente determinados a superar e vencer. Venceremo-nos. Jesus falou dessa Fé que move montanhas. Que Fé será essa que fará de nós vencedores dos obstáculos que colocamos no próprio caminho? Uma Fé cega?

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXIII)

Milagreira? Realmente, essa parábola do Mestre foi entendida como milagreira, sim. Mover montanhas... só pelo poder milagroso de Deus. Não entendemos o que Jesus queria dizer. Não entendemos que Jesus falava de nós e da nossa ignorância, as montanhas a vencer. Não entendemos que a Fé teria de ser a força interior fundamentada na crença inabalável no Amor de Deus e nos Seus propósitos, a convicção profunda da necessidade de ajuste às Suas Leis que nos tornaria forte, a força de seguir os ensinamentos simples, mas sublimes de Jesus, que nos impulsionariam a transcender a nossa pequenez e a alcançar a Força de subir montanhas, ou de lhes dizer “Afastem-se, movam-se!” e vê-las obedecer-nos.

Não entendemos. Por isso, perdemos muito tempo. Deixamo-nos ficar pelo sopé, amortecidos, fracos, aprisionados. As montanhas dos nossos desejos e interesses, sem conexão com os objetivos para que fomos criados por Deus, permaneceram por um tempo infundável entre nós e o Bem. Estacionamos. Atrasamos a Felicidade.

Queríamos, e continuamos a querer, tanto ser felizes, que apenas confiamos na ciência. Inventamos a genética, tentando contornar as Leis sábias do Criador para acabar com os seres que vemos como imperfeitos, selecionando genes que, achamos nós, criarão artificialmente seres mais belos, inteligentes, longe da dor e das dificuldades.

Queríamos, e continuamos a querer, tanto ser imortais, que engendramos mil e uma formas de aumentar a longevidade, contornar a doença, substituir órgãos deficitários, pensando enganar a morte.

Queríamos tanto acabar com a dor e o sofrimento, que nos tornamos impreparados para enfrentá-la. Sem capacidade de aceitação, inventamos a eutanásia e o suicídio, buscando, já que não vencemos a morte, pelo menos abreviar o tempo de vida e de dor e, corajosamente (achamos nós! doloroso equívoco!), enfrentá-la como e quando bem entendemos. Esquecemos que somos e sempre fomos Seres Imortais, e que uma coisa de que nunca fugiremos é de nós mesmos.

Vamos aonde formos, aqui, no Além ou noutra existência física, sempre lá estaremos à nossa espera.

Sempre a nossa consciência nos seguirá e exigirá a retomada do caminho interrompido, infelizmente com agravo das dores e sofrimentos de que intentamos fugir.

Nada temos contra a ciência (a genética, o transplante de órgão, ou qualquer outra das suas realizações), é bom que se faça o esclarecimento. Muito pelo contrário. A inteligência é um dom sublime, um germe que está conosco desde os primeiros momentos da nossa criação, prontinho a crescer e nos levar a profundas realizações que farão de nós cooperadores da Espiritualidade na construção de um mundo melhor. O conhecimento intelectual vai sendo dado proporcionalmente ao trabalho de aprimoramento e é sempre destinado à construção do Bem.

Quem se dedica à investigação, nas diferentes áreas e campos da Ciência, realiza um sublime tributo e contributo, mesmo que não o saiba e até se julgue ateu, ao Trabalho do Pai e é cocriador com Ele. Será sempre abençoado o seu trabalho, se for ao sentido do Bem, com ética e responsabilidade, destinado à construção de um mundo melhor para

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXIII)

todos, com menos dor. Até porque, à medida da nossa evolução moral e espiritual, cada vez teremos menos necessidade de viver em sofrimento e só ganharemos com um ambiente harmonioso e equilibrado, menos atribulado pelas necessidades de ordem física, que será mais propício a outras realizações. O mal nunca está na ciência, está no mau uso das possibilidades que ela põe ao nosso alcance. Não podemos esquecer que qualquer conhecimento só nos é dado à medida da nossa capacidade de o entender e de aplicá-lo de forma correta. Se Deus permite que, num dado momento, a ciência faça determinadas descobertas, ou a tecnologia crie e invente algo, é porque nos vê preparados para avançar e progredir nesse sentido.

Se assim não acontece, se damos rumos errados ao saber que conquistamos, é de nossa inteira responsabilidade. Temos o livre-arbítrio, somos livres e responsáveis.

Quando dissemos que apenas confiamos na ciência, queríamos sublinhar essa mesma ideia “apenas”. Faltou-nos a compreensão da Mensagem do Cristo; faltou-nos o propósito no Bem; faltou-nos a compreensão das verdadeiras realidades da Vida e dos propósitos das existências terrenas; faltou-nos até (e muito importante) a consciência do fato de a Vida ser constituída por existências e não uma única existência, que nos poderia ter feito direcionar os interesses (e até o objeto das investigações da ciência, por que não?) para o crescimento espiritual, em detrimento da materialidade exagerada a que nos habituamos e submetemos. Faltou-nos porque, durante demasiado tempo, descuramos um pormenor imprescindível: a Ética que deve e tem mesmo de ser o contrapeso da ciência. Faltou-nos tudo isso e, como consequência inevitável, a ciência desiludiu-nos. Não por culpa dela, mas porque descuramos os nossos verdadeiros objetivos. Mais uma montanha a vencer: criar, dentro de nós mesmos, um sistema em que a Ética, a Ciência, a Moral, a Religião sejam as diversas facetas da Vida em crescimento para a Espiritualidade. Um sistema interior em que todas essas facetas nos ajudem a vencer a montanha aparentemente intransponível em que nos transformamos.

Que não nos falte agora a Fé verdadeira e inabalável e que saibamos dizer ao Espírito Imortal que somos: Move-te! Ergue-te! Segue em frente! Foi isso o que Jesus nos ensinou. É isso que continua a dizer-nos. É isso que Ele e o Pai esperam de nós.

Maria de Lurdes Duarte, A fé que move montanhas que somos.

– O Consolador – Nº 720 – 09/05/2021

Bibliografia:

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo.

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos.

Joanna de Ângelis, Dias gloriosos.